

ENTREVISTA

HONÓRIO LIMA NANQUE

Por Nágila Oliveira dos Santos



Honório, conte um pouco sobre sua trajetória: como foi sair da Guiné-Bissau e vir estudar e pesquisar no Brasil?

Obrigado pela questão. No que concerne à minha trajetória, ela começou no município no qual nasci, refiro-me a Bijimita, que faz parte de Região de Biombo e do Setor de Quinhamel, fica acerca de 50 km de capital (Bissau). Foi nesse município que cursei o Ensino Básico. Já alguns níveis escolares do Ensino Médio (primeiro e segundo ano) cursei no setor acima mencionado e, por fim, concluí o terceiro ano na capital.

Após concluir o Ensino Médio, cursei Ciências de Educação até o penúltimo ano em Instituto Superior Politécnico São Francisco de Assis (ISPSA). Vale ressaltar que tomei conhecimento da bolsa da Unilab por meio do meu amigo que estava aqui desde 2016 e que me incentivou estudar no Brasil a ele devo a minha gratidão. Esse incentivo, levou-me a concorrer a uma vaga em 2018, por meio do Processo Seletivo Estrangeiro da Unilab.

Já no que se refere à questão financeira, lembro-me de que, quando o meu tio soube da minha aprovação no processo seletivo acima mencionado, dirigiu-se ao meu irmão e diz:

INDEXADORES:



“Honório sabe que não tem dinheiro para comprar a passagem para estudar no Brasil; por que, então se candidatou?” e meu irmão respondeu-lhe: “ele só iria concorrer à bolsa quando tivesse quantidade de dinheiros? Ele já passou no processo e se não tiver dinheiro de comprar passagem isso é outra coisa?” Enfatizou o meu irmão.

Vale compreender que, no momento, a preocupação financeira falou mais alto em relação o contentamento da conquista, mas isso é compreensível em uma família de classe baixa e não estava acostumando esse tipo da realidade. Com base nessa realidade, percebe-se que passei a dificuldade financeira como qualquer pessoa, pois ninguém da família trabalhava no aparelho de Estado, ou seja, funcionário público, mas com ajuda desses familiares e conhecidos consegui viajar para cá. Assim sendo, devo gratidão imensa a cada um deles. Além de dificuldade financeira, a distância de famílias falou mais alta no momento de despedida, no Aeroporto Internacional Osvaldo Vieira, um momento de alegria e tristeza, pois nem sabia se voltaria a reencontrar essas famílias e conhecidos.

Quais foram os principais desafios e aprendizados dessa caminhada acadêmica em outro país?

Um dos primeiros desafios no qual gostaria de citar foi a dificuldade em compreender a variedade linguística de alunos e professores do estado em que fiz a graduação. Acredito que, é de conhecimento de todos que a Guiné-Bissau é um país da CPLP da qual o Brasil faz parte. Isso quer dizer que ambos os países têm a língua portuguesa como oficial, no entanto as variedades linguísticas apresentam algumas diferenças, o que, de certa ocasião pode contribuir para falta de compressão de ambos os falantes

Já concernente aos desafios de aprendizagem, enfrentei grandes dificuldade para compreender os conteúdos, pois o ensino brasileiro apresenta diferença do ensino guineense. Em nosso país, os professores trabalham mais a oralidade em relações às demais práticas pedagógicas e, em maioria vezes, seguem o modelo de ensino tradicional. Ou seja, nas avaliações, a maioria de professores exigem que o aluno escreva igual modo aquilo que está no texto, isso leva os alunos a memorizar conteúdos dados.

Já no contexto brasileiro, é diferente, haja vista que o ensino brasileiro estimula os alunos não só praticarem a escrita, mas também a desenvolver a oralidade, seja por meio de seminário, oficina, roda de conversa, etc. isso serve como forma de preparar profissional apto de escrever bem como praticar oralidade. Além disso, no momento de avaliação, a maioria professores não exige que os

INDEXADORES:



alunos escrevam igual maneira do que está no texto, dado que ensina o aluno a raciocinar e fazer visão relacionado ao texto, desde que não foge do conteúdo.

Com base nessa realidade, no princípio eu sentia inferior em relação aos colegas brasileira e posso afirmar que maioria de estudante oriunda de país de PALOP sem exagerar relatam esse mesmo sentimento, mas isso é normal, pois o sistema é totalmente diferente. No entanto, vale salientar que essa dificuldade desaparece a partir de terceiro semestre, dado que é momento que em familiarizamos com o sistema do ensino brasileiro.

Em que momento a linguística e a literatura passaram a ocupar lugares centrais na sua vida como estudante e pesquisador?

Eu diria que a literatura passou a ocupar lugar central em minha vida a partir do ensino médio e no curso intensivo do aperfeiçoamento da língua portuguesa. Isso porque no Ensino Médio, estudei apenas a literatura africana de expressão portuguesa, ou seja, a produção literária em Língua Portuguesa cujo, um dos primeiros autores foi José da Silva Maia Ferreira, de origem angolano autor do livro “Espontaneidades da minha alma” publicado em 1849. Eu lia alguns trechos de poema desse autor.

É importante enfatizar que não só lia, uma vez que o professor os obrigava a interpretar o poema de acordo com a nossa percepção. Esse contato serviu como alicerce imprescindível para estimular meu interesse pela literatura. Essa aproximação se estendeu quando eu frequentava o curso intensivo acima referido, uma vez que, desde princípio do curso, discutíamos acerca de um livro intitulado “Kikia Matcho” do escritor guineense chamado Filinto de Barros.

Esse livro relata os acontecimentos ligados à Guerra da Libertação Nacional da Guiné-Bissau, bem como o choque entre tradição e modernismo. Eu lia e relia esse livro e me apaixonei por sua estrutura e a estética. Todos dias escrevia um trecho de conto com base nesse livro, como aprendiz intensifiquei a leitura e a escrita com o intuito de aprender.

O aperfeiçoamento e interesse pela literatura aumentaram quando cheguei ao Brasil e cursando Letras-Língua Portuguesa. Desde primeiro semestre até o final do curso tive várias cadeiras de literaturas, seja literatura brasileira quanto europeia, africana, afro-brasileira, comparada, entre outras. Essa paixão ficou demonstrada ao logo da minha graduação, pois publiquei contos na revista de Unilab, intitulado Sarau/publicadora Palmares. Valendo ressaltar que o meu trabalho de conclusão de curso em Letras-Língua Portuguesa é voltado ao campo da literatura, isso demonstra quão tenho paixão a essa área de conhecimento.

INDEXADORES:



Relativamente à linguística, ela passou a ocupar um lugar central na minha vida quando cheguei à Unilab, pois é um campo importante do curso de Letras-Língua Portuguesa. No primeiro semestre, comecei a estudar a Introdução a Linguística e, a partir de então, comecei a estabelecer contato com essa área, que era nova em mim e comecei a apresentar trabalhos nos eventos universitários, seja na Semana Universitária bem como de letras e outros cursos. Por fim, tive a oportunidade de atuar como bolsista nessa área ao longo da minha graduação, isso me influenciou bastante a realizar pesquisa de mestrado voltada essa área de conhecimento, tão importante do curso de Letras-Língua Portuguesa.

Além da pesquisa, você também atua como escritor. Como você percebe o diálogo entre sua produção literária e sua trajetória como pesquisador?

Acredito que a escrita literária está presente na minha trajetória, uma vez que vejo essas duas práticas (literatura e a pesquisa) não como algo distantes ou isoladas, porém como dimensões que se compactuam simultaneamente.

Nessa perspectiva, fica evidente que a pesquisa me oferece um pensamento crítico, bem como teórico e metodológico, que aprofunda minha percepção da linguagem, da cultura e das subjetividades, ao passo que a escrita literária, de maneira a outra, permita-me explorar essas mesmas questões efetiva, imaginativa e mais livres em termo formais.

Na maioria vezes, os temas nos quais investigo academicamente, como identidade, linguagem, memória entre outros reaparecem em minha ficção.

De que forma a identidade guineense atravessa seus textos e suas reflexões críticas?

A meu ver, tenho percebido que a identidade linguística atravessa meus textos de forma profunda, haja vista que, em minha escrita literária, a Guiné-Bissau aparece não exclusivamente como situação, não obstante como fatos vivenciados, com base de suas lutas de classes políticas, suas memórias etc. Levo sempre em consideração desafios da edificação de um Estado novo e as marcas deixadas pelos colonizadores portugueses, que os que assumiram o país prometeram melhorar a situação sociais e política o que até em tão não se tornou uma realidade.

Relativamente à reflexão crítica, estou convicto de que a identidade guineense como meio do qual baseio para problematizar narrativas elitista/hegemônica assim como na teoria bem como na literatura. Isso mostra de forma inequívoca que a Guiné-Bissau não é somente objetos de pesquisa, pois é sujeito, é voz e forma de observar e perguntar o planeta.

INDEXADORES:



Numa de suas pesquisas você analisa a ausência do ensino de literaturas guineenses nas escolas públicas da Guiné-Bissau. Como surgiu essa inquietação?

Essa inquietação surgiu após eu ter cursado a disciplina do Estágio em que ministrei aula do estágio no Ensino Fundamental II bem como Ensino Médio. Percebi que nesses níveis escolares, é obrigatório um componente escolar específico sobre a literatura nacional, em que alguns poemas, contos e romance de alguns escritores nacionais são obrigatórios integrar no currículo escolar. Situação diferente da Guiné-Bissau em que isso não se verifica, dado que os alunos estudam desde ensino fundamental até médio a literatura especificamente da Guiné-Bissau.

Diante dessa realidade, fica evidente que currículos priorizam literaturas estrangeiras, sobretudo europeias, enquanto autores e obras guineenses são poucos ou nada mencionados. Como estudante e pesquisador que acredita na valorização da identidade cultural e na contribuição para o distanciamento dos estudantes com suas realidades, ou seja, cultura e produção literária. Assim sendo, isso reforçou meu desejo de investigar as causas e consequências desse apagamento, bem como pensar caminhos para a sua valorização no ambiente escolar.

Quais foram as principais descobertas ou conclusões a que você chegou durante a pesquisa?

Ao longo desta pesquisa, descobri que a ausência de ensino de literatura nas escolas públicas da Guiné-Bissau não se deve à falta de produção literária no país, mas sim à falta da iniciativa do Governo e do Ministério da Educação Nacional do país em implementar uma política educacional que incentiva o ensino da literatura guineense. Além disso, é necessário implementar uma especialização dessa área no curso de Letras-Língua Portuguesa da Escola Normal Tchico Té (ENSTT), com o intuito de formar o corpo docentes que vão lecionar essa disciplina no Ensino Básico.

Após seguir todos os parâmetros acima referidos, o órgão responsável da educação do país exigirá que as Escolas do Ensino Básico (EEB) nacionais passem a ensinar a literatura guineense, desde o período da independência até o presente, por meio de obras que serão selecionadas para serem integralizadas ao currículo escolar do Ensino Básico da Guiné-Bissau.

INDEXADORES:



Que caminhos você enxerga para que as literaturas nacionais sejam integradas ao currículo escolar no seu país?

É preciso que haja um debate sério, envolvendo acadêmicos formados em Letras-Língua Portuguesa, membros da sociedade civil, antropólogos, sociólogos, entre outros. Esse debate é importante, dado que a literatura guineense deve ser ensinada para que os alunos possam desenvolver seus conhecimentos críticos. Considerando um dos saberes fundamentais, ela ajuda os alunos a desenvolverem as suas visões amplas, a descobrir o mundo através da elaboração do pensamento, sendo capazes de analisar as realidades que os cercam.

No mestrado você pesquisou sobre políticas linguísticas na Educação Básica em Guiné-Bissau. Quais são os desafios e perspectivas de diálogos entre Estado guineense e a comunidade escolar no que se refere aos diálogos entre língua oficial e línguas locais?

A partir da análise realizada, compreendemos que a maioria dos entrevistados atribuiu à língua portuguesa um papel mais relevante no domínio escolar do que à língua guineense. Os motivos revelados são: ser a língua oficial da escola; interação entre as pessoas de diferentes nacionalidades da CPLP; valorização do status do indivíduo na sociedade; fortalecimento do laço colonial entre Guiné-Bissau e Portugal; e cumprimento da lei. Esses resultados nos permitem compreender por que a maioria dos entrevistados atribuiu ao português um status de destaque no país.

Com base nessas razões, constata-se que aquele que fala bem essa língua tende a ser considerado uma pessoa inteligente, uma visão herdada do período colonial português. Diante disso, compreendemos que, por mais que o português seja menos usado no dia a dia no país, ele possui um status relevante em relação às demais línguas faladas em Guiné Bissau, devido aos possíveis benefícios econômicos e sociais que pode proporcionar aos usuários dessa língua. 123 Em relação à língua guineense, alguns educadores lhe atribuem um papel importante no contexto escolar, visto que contribui para facilitar a compreensão dos conteúdos por parte de alunos, uma vez que é a língua mais utilizada no dia a dia.

Essa constatação nos leva a refletir que o processo de ensino e aprendizagem deveria envolver uma sensibilidade pedagógica por parte dos professores, pois é inegável que explicar os conteúdos apenas em língua portuguesa pode dificultar a compreensão dos alunos, considerando que muitos têm o português como terceira língua. Observa-se que, embora o uso da língua guineense seja viável nesse contexto, ainda há resistência, por parte das

INDEXADORES:



instituições, em aceitar sua presença no ambiente escolar. essa resistência não se limita à língua guineense, estendendo-se também às diversas outras línguas.

Diante disso, torna-se evidente que a maioria das instituições guineenses, nomeadamente as escolas, representam um perfil europeu em relação ao status das línguas, dado que nenhuma das línguas que compõem o mosaico linguístico guineense é considerada língua de instrução desde a independência do país. As instituições continuam a reproduzir a política colonial, ou melhor, não se desvincularam do modelo imposto pelo colonizador português, mesmo após a independência.

De que maneira estudar e pesquisar no Brasil contribuiu para a sua visão sobre a literatura e a educação guineense?

Eu diria que, para mim, estudar no Brasil é um privilégio, considerando a qualidade do ensino no qual o país oferece. Com base nessa realidade, afirmo que estudar aqui contribuiu significativamente em enriquecer e ampliar minha percepção sobre a educação e literatura guineense. Como é de conhecimento de todos que o Brasil possui laços históricos e culturais com países de PALOP, nomeadamente a Guiné-Bissau.

O meu percurso acadêmico neste solo, viabilizou uma nova maneira olhar a realidade da minha terra natal, principalmente no que se refere à educação e a literatura. Tive a oportunidade conviver com diferentes intelectuais com visões críticas sobre a literatura bem como a educação, bem como participar em debates, seminário e roda de conversa sobre esses temas. Isso me ajudou para que eu compreendesse a realidade guineense a partir de um ponto de vista crítica.

Concernente ao âmbito educacional, ao compreender a educação brasileira seus avanços e desafios, percebi que o sistema educativo guineense precisa melhorar, principalmente ao acesso à educação básica e superior, bem como às políticas públicas voltadas para redução das desigualdades sociais. No contexto guineense, temas como esses são excluídos.

Por sua vez, a literatura, estabeleci em contato com a produção literária brasileira, principalmente com escritores/as negras e indígenas por sua forte tradição de resistência, isso reforçou em mim a necessidade de ter uma educação e uma produção literária com a realidades sociais e culturais e histórica do povo guineense.

INDEXADORES:



Como você avalia o espaço dado às literaturas africanas de língua portuguesa nas universidades brasileiras?

Para responder essa questão, gostaria de focar apenas na universidade na qual fiz graduação, pois é a que conheço. Primeiro lugar, reconheço o esforço da política educativa brasileira em integrar a literatura africana nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Letras-Língua Portuguesa das Universidades do país, fazendo com que essas literaturas passem a ser estudadas nas instituições superior. Essa inserção ganhou força nos últimos anos; entretanto, sua presença ainda é tímida, seja no âmbito de abordagem curricular, quanto abordagem crítica e institucional.

Na universidade em que fiz graduação, o componente curricular Literatura Africana configura-se como optativa no curso, e isso, de certa forma, pode ser entendido ou interpretado como uma limitação em relação ao compromisso institucional com a promoção da interculturalidade e da valorização no espaço acadêmico. Embora a inclusão da disciplina já represente um avanço frente a outras universidades brasileiras, a natureza optativa do componente dificulta que todos os estudantes tenham contato com esse campo fundamental do conhecimento literário e pós-colonial.

Houve algum diálogo ou experiência acadêmica no Brasil que foi decisiva para o desenvolvimento da sua pesquisa?

Obviamente sim. As experiências acadêmicas decisivas ao longo da minha formação no Brasil têm contribuindo bastante para o desenvolvimento da minha pesquisa tanto nos aspectos metodológicos quanto teóricos. Entre as experiências mais marcantes, destaco seguintes: seminários, roda de conversas, grupos de pesquisas voltados a literaturas africanas, estudo pós-colonial e teoria crítica e descolonização. Assim sendo, fica evidente que esses espaços de troca de saberes tomam-se relevantes para ampliar os conhecimentos e compreender relevância da inserção de literatura guineense no âmbito escolar não apenas como objeto estético, mas como território de disputas políticas, históricas e culturais.

Qual é a importância da literatura guineense para o fortalecimento da identidade nacional e da memória coletiva em Guiné-Bissau?

A literatura guineense possui papel fundamental para o fortalecimento da identidade nacional e da memória coletiva da Guiné-Bissau, haja vista que resgata celebra as tradições orais, mitos lendas, provérbios e valores das diversidades étnicas que compõem mosaico cultural guineense, refiro-me grupo étnico pepel,

INDEXADORES:

balanta, fulas manjacos, entre outros. Com base nessa rica realidade, a inserção dessas narrativas dos escritores guineense passará a preservar um patrimônio cultural do país. Essas marcas de identidades ficam explícitas nos textos de vários escritores guineenses, por exemplo, Odete Semedo, Filinto de Barros, Abdulai Sila, Tony Tcheca, entre outros.

Por outro lado, é importante enfatizar que diversos autores guineenses utilizam a literatura com o intuito de denúncia e reflexão crítica sobre as injustiças sociais, a corrupção, a pobreza, e os dilemas da sociedade contemporânea da Guiné-Bissau.

Como você avalia a circulação da literatura guineense hoje, tanto dentro do país quanto fora dele?

Falar de circulação de literatura guineense hoje, tanto dentro do país quanto fora, acredito que ela está em fase de crescimento, por ser visto como instrumento de identidade. No entanto, fica evidente que sua circulação massiva ainda não alcançou o ideal. Arrisco dizer que essa limitação está relacionada à falta de investimento em infraestrutura editorial, incluindo no sistema de ensino, falta de biblioteca no país. Portanto, a tradução e promoção internacional, de certa forma pode contribuir em grande diferença para ampliar a circulação.

Quais autores ou autoras guineenses você considera fundamentais e que deveriam ser mais estudados nas escolas e universidades?

Por mais que é pouca difundida no âmbito escolar e universitário, a literatura guineense conta com autores importante que contribuem de forma pertinente para a formação de consciência nacional, o resgate de memória histórico e valorização cultural. Nessa perspectiva, a seguir apresento uma seleção de seguintes autores: Amílcar Cabral cujo título “Arma da teoria, unidade e Luta” esse obra é fundamental para compreender a luta de libertação e pensamento anticolonial e construção de uma identidade; Abdulai Silá cujo título de romance “A Última Tragédia” nessa obra autor relata a vida após-independência, com fortes críticas sociais e reflexões sobre o fracasso das elites políticas; Odete Semedo cujo obra intitulada “Entre o Ser e Amar” abordam temas como mulher, identidade, memória, resistência e afetos; Tony Tcheca com titulo “Desesperança” sua poesia aborda a realidade social, política e cultural da Guiné-Bissau com linguagem crítica e simbólica; etc.

INDEXADORES:

